



Abertura do Presidente da APS, João Teixeira Lopes

Este congresso realiza-se na terceira vaga de uma pandemia. Não é o congresso que queríamos e que merecíamos. Melhor do que ninguém, os sociólogos e sociólogas sabem da importância das relações em presença, da multiplicação de possibilidades abertas pela proximidade física, da riqueza comunicacional propiciada pela articulação entre o verbal e o não verbal. Todo o conhecimento é um interconhecimento e o suporte corporal que vai além das palavras e joga com os contextos e os quadros de interação não pode ser negligenciado

Momentos de descontinuidade, incerteza e multiplicação de vulnerabilidades não nos são estranhos, embora a crise pandémica exacerbe a percepção de falta de controle sobre o futuro e obrigue as pessoas a processos de ressocialização bruscos e até violentos. O vírus, percebe-se bem agora, é um fenómeno essencialmente social, que resulta, em boa parte, de um modelo económico predatório que, na busca infinita de acumulação, desprezou os limites que a natureza nos impõe. A jusante, o vírus revelou e multiplicou as desigualdades sociais (de classe, de género, de etnia, de idade), atingindo os mais vulneráveis (os pobres, os velhos, os racializados, as mulheres). De igual modo, expôs as enormes fragilidades de um sistema de reprodução social extremamente desgastado por décadas de desinvestimento público (saúde, habitação, redes de cuidados). Não menos importante, a pandemia catapultou com maior veemência um ecossistema de ódio e de desconfiança, que se alimenta e é alimentado pelos algoritmos da inteligência artificial usados nas plataformas e redes sociais; algoritmos que, longe de serem neutros, nos conduzem em navegações ensimesmadas, autorreferenciais, cada vez mais extremas e fechadas, qual “toca de coelho” em que nos encerramos, cortando as pontes com os outros. Em simultâneo, a normalização dos estados de exceção abre as portas a uma certa naturalização dos limites aos Direitos

Fundamentais, banalizando uma era de vigilância, controle e biopoder alicerçado nas mais modernas tecnologias baseadas no panótico (tudo ver sem ser nunca visto).

Os sociólog@s mobilizaram-se desde o início da pandemia, procurando mapear, por um lado, o impacto da crise nas várias formas de desigualdade social e, por outro, as práticas e organizações que, um pouco por todo mundo, tantas vezes sem apoio e auto-organizando-se localmente, redesenharam a ação coletiva, as sociabilidades de entreajuda e a defesa do bem comum. Particular atenção tem sido conferida às formas de solidariedade multinível, não apenas centradas nas macroestruturas, mas disseminadas pela família, comunidades, igrejas, movimentos sociais, imbuídas numa ética de hospitalidade, reciprocidade e reconhecimento.

Mas faltou, por parte dos decisores, sensibilidade sociológica. Não quiseram ou não souberam interpretar os comportamentos sociais, reduzindo-os, tantas vezes, a meras manifestações psicológicas ou patológicas. Com isso, perderam capacidade de coordenação, organização e planeamento estratégico. Num tempo em que o regresso da ciência se faz em acesa disputa com a realidade dos factos alternativos e da pós-verdade, importaria desocultar os mecanismos que produzem a descrença nas descobertas científicas e mesmo na possibilidade de chegar a compromissos de trabalho em torno da discussão crítica de argumentos e perspetivas. A atomização das opiniões e dos pontos de vista, tidos como irreconciliáveis e irredutíveis, grassa num contexto de isolamento, medo e insegurança que deslassa as pertenças sociais.

O clamor por “vozes de comando” e atitudes musculadas é um sinal de como a incerteza pode ser canalizada para o suporte a falsas soluções autoritárias. A Europa, assolada desde há muito pelos espectros dos novos fascismos, agita-se, ululante, por medidas coercivas, estigmatizantes e securitárias. Estará o velho continente à altura para coordenar respostas solidárias, fornecendo segurança social aos cidadãos e cidadãs, colocando na gaveta o dogma do défice e apostando em medidas de investimento público e de apoio social? Mais importante do que a ilusão de segurança de autoridades soberanas, que cavam um fosso entre os que decidem e os súbditos que obedecem, é a aposta em fortalecer os laços sociais. O pior que poderia acontecer era um cenário pós Covid-19 em que as sociedades se oferecessem, sem resistências democráticas, aos arautos do racismo, do eugenismo e da higienização social.

Por isso, o vírus também se combate com democracia, essoutra maneira de pronunciar a justiça. Quem pensar que a normalidade é um mero regresso ao passado, engana-se tragicamente. A catástrofe ecológica (destruição dos ecossistemas e do habitat dos animais selvagens) permitiu que o vírus transpusesse a barreira das espécies. A desigualdade social e a fraqueza dos Estados, depauperados por anos e anos de austeridade, fizeram o resto.

Mais do que nunca, importa pugnar por um sociólog@ cosmopolita e plural. Um sociólog@ que articula papéis sociais e formas múltiplas de exercer o seu ofício, em contextos de trabalho cumulativo e coletivo, rompendo com o neofeudalismo dogmático de instituições, escolas, correntes e grupos autorreferenciais.

Não nos peçam para optarmos entre o local e o global. Não nos peçam para escolhermos entre a academia e as outras profissões. Não nos peçam para dizermos se preferirmos a investigação fundamental ou a aplicada. A inovação conceptual ou as políticas públicas. Não nos peçam para cindirmos pesquisa e ação. Não nos reduzam à estúpida fratura entre relevância e rigor. Não nos queiram hiperespecializados, alienados pelo capitalismo académico dos rankings, dos fatores de impacto e dos rituais manga de alpaca do sociólogo como funcionário. Não nos peçam para seguirmos a via preguiçosa das opções fáceis e sectárias que durante tanto tempo nos dividiram em estéreis lutas de classificação.

Mobilizar o conhecimento sociológico incomoda e desestabiliza processos de decisão superficiais e burocráticos, ao revelar interesses em disputa, preconceitos enraizados ou engrenagens de fabricação de lugares-comuns. Seria de exigir muito mais na imaginação e experimentação de futuros possíveis, pois a única perspetiva realista é a de não regressarmos ao “normal”, que mais não é do que um caldeirão de crises infinitas onde tudo o que é comum se derrete. Escolhamos, pois, o caminho de fazer as perguntas difíceis e de procurar as respostas complexas e transformadoras.

*Tal como o grande poeta da humanidade, o americano Walt Whitman, também o sociólogo ou a socióloga pode dizer: Há multidões dentro de mim.*

Muito obrigado.